



FOLHA MISSIONÁRIA

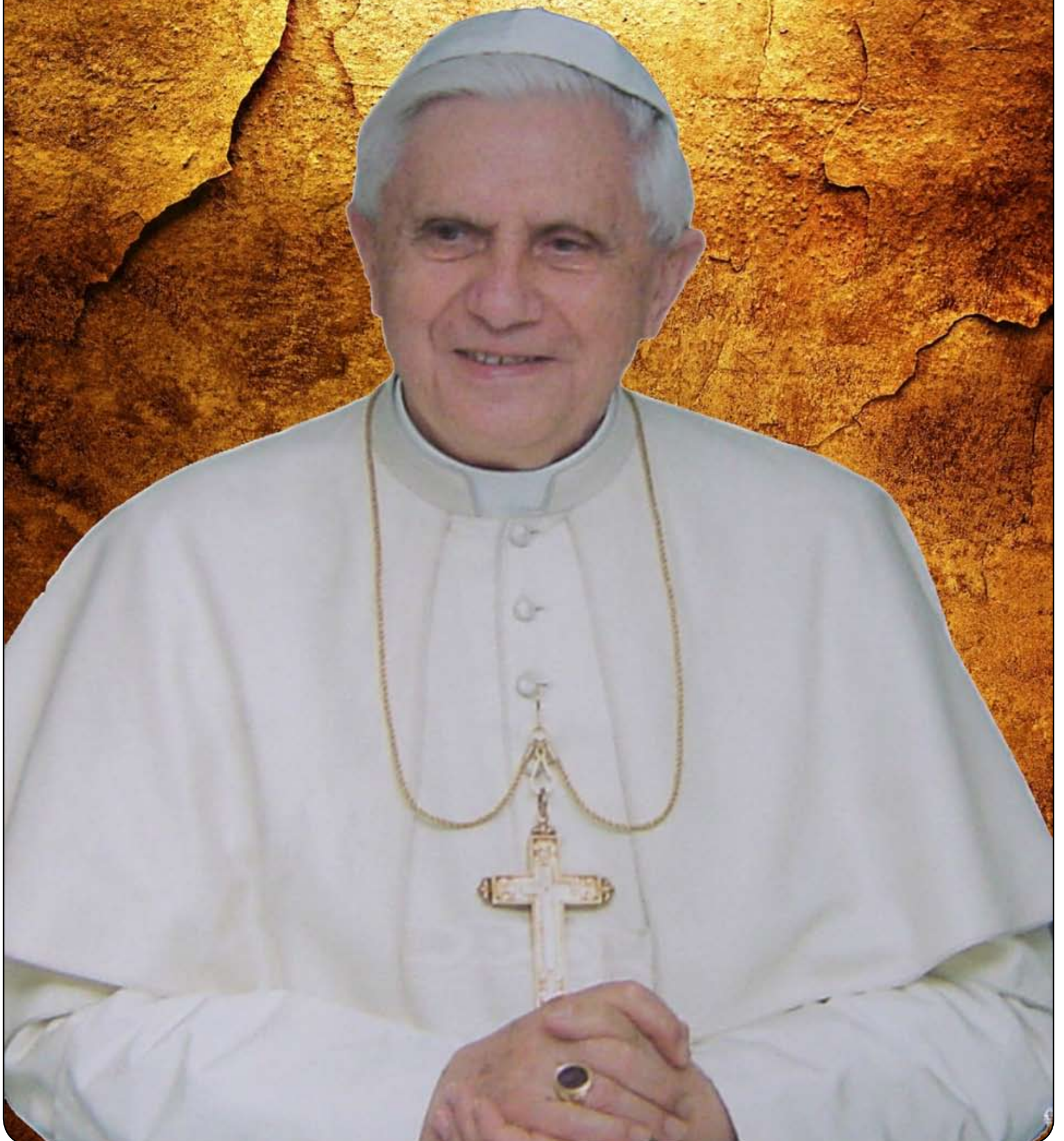
Ano III

- Arquidiocese de Juiz de Fora

- Março / 2013

- Nº 28

*Obrigado,
Santo Padre*



Editorial

Pe. Antônio Camilo de Paiva
Editor Chefe

RENÚNCIA DO SANTO PADRE BENTO XVI

Neste momento em que a Igreja recebe a notícia da renúncia do Santo Padre Bento XVI ao ministério Petrino como Bispo de Roma, desejo, em meu nome pessoal, em nome a Arquidiocese de Juiz de Fora, de seu clero e de seu povo, manifestar irrestrita e amorosa proximidade a Sua Santidade que de forma santa, sábia, segura e prudente vem governando a nau de Pedro durante estes quase oito anos.

Agradecemos ao Beatíssimo Padre pelo imenso bem que ele tem feito, os sacrifícios pelos quais tem passado, e garantimos-lhe nossas orações e filiais afeitos na nova vida que, com todo direito, levará daqui para frente, totalmente dedicada à oração pela Igreja, como ele mesmo afirmou no breve discurso que fez, nesta manhã, aos Cardeais no Consistório.

Destacamos o gesto de profunda humildade de Sua Santidade ao tomar esta decisão, com a qual reconhece suas naturais dificuldades imposta pela idade e pela doença. Com o coração em Deus, transcrevo as últimas palavras de sua mensagem: *Caríssimos Irmãos, verdadeiramente de coração vos agradeço por todo o amor e a fadiga com que carregastes comigo o peso do meu ministério, e peço perdão por todos os meus defeitos. Agora confiemos a Santa Igreja à solitude do seu Pastor Supremo, Nosso Senhor Jesus Cristo, e peçamos a Maria, sua Mãe Santíssima, que assista, com a sua bondade materna, os Padres Cardeais na eleição do novo Sumo Pontífice. Pelo que me diz respeito, nomeadamente no futuro, quero servir de todo o coração, com uma vida consagrada à oração, a Santa Igreja de Deus.*

Ao mesmo tempo, convoco os presbíteros, os diáconos e todo o Povo de Deus de nossa Arquidiocese de Juiz de Fora para entrarmos, desde já, em ritmo de fervorosa oração ao Espírito Santo, invocando a proteção de Maria, Mãe da Igreja, em vista do novo Conclave que se dará nas próximas semanas, depois do dia 28 de fevereiro, às 20 horas, quando cessará o governo pastoral de Sua Santidade Bento XVI, e será eleito o novo Sucessor de Pedro, realizando a fiel Palavra de Cristo: *Eis que estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos! (Mt.28,20)*

A todos envio propiciadora bênção em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo a quem a Igreja pertence.

Dom Gil Antônio Moreira

Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Juiz de Fora, 11 de fevereiro de 2013

Festa de Nossa Senhora de Lourdes

Seminário Santo Antônio completa 87 anos



Aniversário do Seminário. Foto: Assessoria de Comunicação

O Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora, Dom Gil Antônio Moreira, presidiu, no dia 1º de março, a Celebração Eucarística em Ação de Graças pelo 87º aniversário do Seminário Arquidiocesano Santo Antônio. A Missa foi celebrada na Capela do Se-

minário. Concelebrando com o Pastor, estavam diversos Padres do nosso clero, além da viva participação dos seminaristas, familiares e membros da comunidade.

Durante a homilia, Dom Gil ressaltou que todos devemos comemorar essa data, pois são muitos anos de trabalho e de sucessos, desde aquele ano de 1927 quando Dom Justino José de Santana fundou este celeiro de vocações. Ele lembrou, ainda, que os Sacerdotes que são formados na instituição são frutos da dedicação e trabalho de todos que por ali passam.

A celebração teve um momento muito especial para nossa Igreja Particular. Os seminaristas Gleydson Pimenta e Wesley Carvalho foram instituídos nos ministérios de leitor e acólito, primeiro passo em direção à ordenação presbiteral. Outro destaque foi a ornamentação com as réplicas dos símbolos da JMJ, ou seja, da cruz peregrina e o ícone de Nossa Senhora que estão percorrendo todas as paróquias de nossa Arquidiocese, e naquela semana encontravam-se na Paróquia do Bom Pastor, no recinto qual se encontra nosso Seminário.

Expediente

Diretor Fundador: Dom Gil Antônio Moreira - Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Editor Chefe: Pe. Antônio Camilo de Paiva

Jornalista Responsável: Leandro Novaes MTB 14.078 - Contato: folha.missionaria@gmail.com

Conselho Editorial: Pe. João Francisco Batista da Silva / Pe. Eduardo Almeida da Rocha / Pe. Elton Adriane de Oliveira

Impressão: FUMARC - (31) 3249-7400 - www.fumarc.com.br / Tiragem: 15.500 exemplares

Redação: Rua Henrique Suerus, 30 - Centro - Juiz de Fora - MG, CEP: 36010-030

Tel.: (32) 3229 - 5450. Home Page: www.arquidiocesejuizdefora.org.br.

Palavra do Pastor

Concílio Vaticano II: 50 anos depois

Parte 4

Dom Gil Antônio Moreira
Arcebispo Metropolitano de Juiz de Fora

Nestes dias tão especiais para a Igreja, marcados pela renúncia de Bento XVI, ex-perito do Concílio, e da expectativa do Conclave que elegerá seu sucessor na Cátedra de Pedro, a reflexão sobre o Concílio Ecuemênico Vaticano II se reveste de nova emoção. Este é o quarto artigo que escrevo, tendo iniciado a série sobre o Concílio na Folha Missionária de dezembro de 2012. Prossigamos, sob os efeitos destas experiências eclesiais tão marcantes, a história do Concílio que continua iluminando a Igreja dos tempos atuais.

À homilia da Missa de abertura naquela memorável manhã de 11 de outubro de 1962, o Papa João XXIII destacou a orientação programática a mística esperada para o Concílio,

com seu discurso *Gaudet Mater Ecclesia*. No referido sermão, ficaram evidentes o tom positivo e otimista, o caráter eminentemente pastoral do concílio, o desejo de renovação e atualização dos métodos de transmissão da fé, a necessidade de abrir-se para um diálogo com o mundo moderno sem condenações e sem desânimos. A palavra italiana “*aggiornamento*” (atualização) aparece várias vezes na voz do Papa. Ele desejava ares novos, espírito novo, métodos novos, formas novas de celebrar a fé católica.

Na primeira sessão, acontecida de outubro a dezembro de 1962, ficaram patentes certas divergências entre grupos que resistiam a mudanças e grupos que se dispunham a lutar por elas, com certos extremismos de um lado e outro. A partir do primeiro dia de trabalhos, 13 de outubro, os esquemas temáticos feitos pela Comissão Preparatória foram refeitos. Foram compostas novas comissões de trabalhos, terminando a sessão, em dezembro sem publicação de nenhum documento. A única definição deste período foi a inclusão do nome de São José no

Canon da missa. Para a alteração dos esquemas, foi sem dúvida importante a atuação do Cardeal Montini que seria eleito depois, sucessor no Sólido Pontifício. Por brincadeira se dizia que, no tempo de Pio IX, prevaleceu o ultramontanismo, agora, se destacava o “ultramantismo”

Curiosamente se pode perceber que João XXIII não tinha, ao início, noção exata de como seria o Concílio, tendo mesmo imaginado que poderia terminar em uma só sessão, convicção que expressou na noite de 11 de outubro, na procissão luminosa promovida pela Ação Católica, na Praça de São Pedro, pronunciando discurso de improviso a partir da janela dos aposentos pontifícios.

Nesta primeira sessão, por determinação de João XXIII, tratou-se em primeiro lugar da liturgia, por ser, talvez, o esquema menos polêmico, alcançando ampla adesão, sobretudo a respeito de dois pontos: a liturgia em vernáculo e a valorização da Palavra de Deus, uma vez que na liturgia anterior se destacava o aspecto sacrificial da missa e não suficientemente a

liturgia da Palavra. Basta dizer que se ensinava antes do Concílio que para a validade do preceito dominical, bastava chegar à celebração no momento do ofertório.

Porém, o documento sobre Liturgia, a *Sacrosanctum Concilium*, só será publicado em 4 de dezembro de 1963, ao final da segunda Sessão. Tal constituição promove uma ampla e verdadeira reforma litúrgica, em comparação com os movimentos anteriores. Diz-se que anteriormente houve reforma na liturgia, somente no Concílio se verificou uma verdadeira reforma da liturgia.

Ao final da primeira sessão, iniciou-se a discussão sobre o tema ‘Igreja’, que vai resultar na extraordinária Constituição Conciliar *Lumen Gentium*, finalizada somente na 3ª. Sessão, com aprovação quase unânime de 2.150 votos favoráveis com apenas 20 contrários. Sua publicação deu-se aos 21 de novembro de 1964. Quase que como sequência da *Lumen Gentium*, surge a Constituição Conciliar *Gaudium et Spes*, pois se a primeira oferece a noção teológico-pastoral sobre a Igreja, respondendo à per-

gunta: Igreja, o que dizes de ti mesma, a segunda traduz as relações da Igreja com o mundo, respondendo à questão: *qual a responsabilidade e a missão da Igreja diante dos desafios sociais do mundo de hoje?*

A *Gaudium et Spes*, originada do famoso e polêmico esquema 13, só será finalizada na 4ª. Sessão e posta a público no dia 7 de dezembro de 1965, quase ao apagar das luzes do Concílio, juntamente com uma série de documentos menores, às vésperas do encerramento solene do Concílio que se deu a 8 de dezembro daquele ano.

A última sessão foi marcada também pela Constituição mais dogmática do Concílio que foi a *Dei Verbum*, importantíssimo documento referente à Palavra de Deus e a Tradição. Foi editada a 18 de novembro de 1965.

No dia 8 de dezembro, tendo já deliberado Paulo VI que a 4ª sessão seria a última, encerrou-se solenemente o Concílio com a celebração da Sagrada Eucaristia na Basílica de São Pedro e a presença maciça de quase a totalidade dos Bispos do mundo inteiro.

Arquidiocese realiza vigília de oração por Bento XVI

A Arquidiocese de Juiz de Fora realizou, no último dia 27 de fevereiro, uma vigília de oração em ação de graças pelo ministério petrino do Papa Bento XVI, presidida pelo Arcebispo Dom Gil Antônio Moreira, na Catedral Metropolitana. O Pastor, junto a vários Sacerdotes, Seminaristas e grande número de fiéis que lotaram a catedral, rezaram por duas horas nas intenções do Santo Padre que renunciaria ao pontificado no dia seguinte, e também suplicando as luzes do Espírito Santo para o conclave que escolherá o novo Sucessor de Pedro.

Em homenagem ao Sumo Pontífice, foi colocado um grande banner com a sua foto e as palavras “Obrigado Bento XVI”. Durante as orações, Dom Gil convidou a todos a repetirem as

palavras de Pedro dirigidas a Jesus: “*Tu és o Messias, o filho de Deus vivo*”, recordando que esta é a grande proclamação da Igreja para o mundo de todos os tempos. A fé em Jesus Cristo e a emoção tomaram conta dos corações de todos os presentes e também daqueles que acompanhavam minuto a minuto pela Internet e pela rádio Catedral.

Após a leitura do Evangelho de Mateus, 16, 13 – 19, com vibrante homilia feita em forma de oração dirigida ao Santíssimo Sacramento exposto sobre o altar, o Arcebispo agradeceu a Deus pela trajetória do Santo Padre Bento XVI, ressaltando o legado de seu rico magistério, com substanciais publicações teológicas e pastorais e tantas iniciativas em favor da Igreja e da humanidade. Recordou seus momentos de alegria, de vitória, como as

Jornadas Mundiais, os Sínodos, as belas liturgias, o Ano da Fé em comemoração ao cinquentenário do Concílio e tantos outros momentos; mas também as ocasiões de provação, as tribulações e medonhas tempestades pelas quais tem passado a barca de Pedro. O Arcebispo concluiu sua oração agradecendo ao Senhor, recordando que é que Ele é quem conduz a Igreja, pois esta não é do Papa, nem do clero e nem do povo, mas sim verdadeiramente de Cristo.

Ao final de suas palavras, Dom Gil pediu uma salva de palmas a Jesus Cristo que, para nosso consolo, afirmara a Pedro: “*Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela*”.

A oração do Pastor foi concluída com a vibrante acla-



Momento da Vigília de oração por Bento XVI
Foto: Leandro Novaes

mação: “*Somos fiéis à Igreja! Amém Jesus, amém!*”.

Na última parte da Vigília, cada um dos presentes recebeu uma vela com o nome de um dos cardeais eleitores, com o compromisso de rezar especialmente por ele até o fim do conclave. As luzes da Catedral se apagaram e, numa cena de rara beleza, a igreja foi iluminada pelas chamas que simbolizavam o Espírito Santo. Os no-

mes dos cardeais foram sendo declinados ao microfone, posicionando-se à escadaria do presbitério um grupo de mais de cem pessoas escolhidas como símbolo da comunhão mística entre o povo aqui reunido e o Colégio dos Cardeais em Roma.

Fé, emoção e gratidão! Foi assim que o Povo de Deus rezou pelo Santo Padre Bento XVI e pelo novo Papa que Deus nos enviará.

O discurso da renúncia

Leia, a seguir, as palavras proferidas aos Cardeais no momento em que o Santo Padre Papa Bento XVI anunciou sua renúncia ao pontificado

Vaticano, 11 de fevereiro de 2013

"Caros irmãos:

Convoquei-os para este consistório, não apenas para as três canonizações, mas também para comunicar a vocês uma decisão de grande importância para a vida da Igreja. Após ter repetidamente examinado minha consciência perante Deus, eu tive certeza de que minhas forças, devido à avançada idade, não são mais apropriadas para o adequado exercício do ministério de Pedro. Eu estou bem consciente de que esse ministério, devido à sua natureza essencialmente espiritual, deve ser levado não apenas com palavras e fatos, mas não menos com oração e sofrimento. Contudo, no mundo de hoje, sujeito a mudanças tão rápidas e abalado por questões de pro-



Bento XVI comunica aos Cardeais sua renúncia ao pontificado. Foto: Divulgação

funda relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e proclamar o Evangelho, é necessário tanto força da mente como do corpo, o que, nos últimos meses, se deteriorou em mim numa extensão em

que eu tenho de reconhecer minha incapacidade de adequadamente cumprir o ministério a mim confiado. Por essa razão, e bem consciente da seriedade desse ato, com plena liberdade, declaro que renuncio

ao ministério como Bispo de Roma, sucessor de São Pedro, confiado a mim pelos cardeais em 19 de abril de 2005, pelo qual a partir de 28 de fevereiro de 2013, às 20h, a Sé de Roma, a Sé de São Pedro, vai

estar vaga e um conclave para eleger o novo Sumo Pontífice terá de ser convocado por quem tem competência para isso.

Caros irmãos, agradeço sinceramente por todo o amor e trabalho com que vocês me apoiaram em meu ministério, e peço perdão por todos os meus defeitos. E agora, vamos confiar a Sagrada Igreja aos cuidados de nosso Supremo Pastor, Nosso Senhor Jesus Cristo, e implorar a sua santa mãe Maria para que ajude os cardeais com sua solicitude maternal, para eleger um novo Sumo Pontífice. Em relação a mim, desejo também devotamente servir a Santa Igreja de Deus no futuro, através de uma vida dedicada à oração".

Semana Santa

Programação da Catedral de Juiz de Fora

16 a 22 de março

19h – Semana das Dores

22 de março (Sexta-feira)

15h – Missa dos enfermos com unção

23 de março (Sábado)

7h – Missa

16h30 – Missa de Ramos para as crianças (salão paroquial)

• Não haverá a missa das 17h na igreja

24 de março (Domingo de Ramos)

7h / 10h / 11h30 / 16h / 18h e 19h30 – Missas

9h – Procissão de Ramos, saindo da Igreja São Sebastião. Na chegada, Missa com Dom Gil Antônio Moreira

• Não haverá a missa das 8h30

25 de março (Segunda-feira)

7h – Missa

19h – Missa e, logo após, Momento de Oração

• Confissões: 8h30 às 17h

26 de março (Terça-feira)

7h – Missa

20h – Saída da procissão (Capela da Santa Casa)

20h – Saída da procissão (Igreja São Sebastião)

20h30 – Encontro das procissões, no adro da Catedral, e Sermão do Encontro

• Não haverá a missa das 19h

• Confissões: 8h30 às 17h

27 de março (Quarta-feira)

7h – Missa

19h – Missa e, logo após, Via-sacra encenada com a participação dos jovens

• Confissões: 8h30 às 17h

28 de março (Quinta-feira)

9h – Missa dos Santos Óleos com todo o clero

20h – Missa da Ceia do Senhor – Lava-pés. Depois, adoração ao Santíssimo Sacramento até às 23h

• Não haverá a missa das 7h

• Confissões: 14h30 às 17h

29 de março (Sexta-feira)

9h30 – Via-Sacra, saindo da Catedral e percorrendo as ruas do centro

15h – Ação Litúrgica – Oração Universal e Comunhão

19h – Sermão do descendimento da cruz. Em seguida, procissão pelas ruas do centro.

• Confissões: 8h30 às 12h

30 de março (Sábado)

20h – GRANDE CELEBRAÇÃO DA PÁSCOA

• Confissões: 8h30 às 11h

31 de março (Domingo da Páscoa)

7h / 8h30 / 10h / 11h30 / 16h e 18h – Missas

19h30 – Missa de encerramento da Semana Santa

07 de abril (2º Domingo da Páscoa)

7h / 8h30 / 10h / 11h30 / 18h e 19h30 – Missas

15h30 – Festa da Divina Misericórdia e Missa



Catequese do Papa

Mensagem de Bento XVI para a Quaresma 2013

Crer na caridade suscita caridade

“Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele” (1 Jo 4,16)

Queridos irmãos e irmãs!

A celebração da Quaresma, no contexto do **Ano da fé**, proporciona-nos uma preciosa ocasião para meditar sobre a relação entre fé e caridade: entre o crer em Deus, no Deus de Jesus Cristo, e o amor, que é fruto da ação do Espírito Santo e nos guia por um caminho de dedicação a Deus e aos outros.

1. A fé como resposta ao amor de Deus

Na minha primeira Encíclica, deixei já alguns elementos que permitem individualizar a estreita ligação entre estas duas virtudes teológicas: a fé e a caridade. Partindo duma afirmação fundamental do apóstolo João: «Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele» (1 Jo 4, 16), recordava que, «no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo. (...) Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1 Jo 4, 10), agora o amor já não é apenas um “manda-

mento”, mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro» (*Deus caritas est*, 1). A fé constitui aquela adesão pessoal - que engloba todas as nossas faculdades - à revelação do amor gratuito e «apaixonado» que Deus tem por nós e que se manifesta plenamente em Jesus Cristo. O encontro com Deus Amor envolve não só o coração, mas também o intelecto: «O reconhecimento do Deus vivo é um caminho para o amor, e o sim da nossa vontade à d'Ele une intelecto, vontade e sentimento no ato globalizante do amor. Mas isto é um processo que permanece continuamente a caminho: o amor nunca está "concluído" e completado» (*ibid.*, 17). [...]

2. A caridade como vida na fé

Toda a vida cristã consiste em responder ao amor de Deus. A primeira resposta é precisamente a fé como acolhimento, cheio de admiração e gratidão, de uma iniciativa divina inaudita que nos precede e solicita; e o «sim» da fé assinala o início de uma luminosa história de amizade com o Senhor, que enche e dá sentido

pleno a toda a nossa vida. Mas Deus não se contenta com o nosso acolhimento do seu amor gratuito; não se limita a amar-nos, mas quer atrair-nos a Si, transformar-nos de modo tão profundo que nos leve a dizer, como São Paulo: Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim (cf. *Gl* 2, 20).

Quando damos espaço ao amor de Deus, tornamo-nos semelhantes a Ele, participantes da sua própria caridade. Abrirmo-nos ao seu amor significa deixar que Ele viva em nós e nos leve a amar com Ele, n'Ele e como Ele; só então a nossa fé se torna verdadeiramente uma «fé que atua pelo amor» (*Gl* 5, 6) e Ele vem habitar em nós (cf. *1 Jo* 4, 12). [...]

3. O entrelaçamento indissolúvel de fé e caridade

À luz de quanto foi dito, torna-se claro que nunca podemos separar e menos ainda contrapor fé e caridade. Estas duas virtudes teológicas estão intimamente unidas, e seria errado ver entre elas um contraste ou uma «dialética». Na realidade, se, por um lado, é redutiva a posição de quem acentua de tal maneira o caráter prio-

ritário e decisivo da fé que acaba por subestimar ou quase desprezar as obras concretas da caridade reduzindo-a a um genérico humanitarismo, por outro é igualmente redutivo defender uma exagerada supremacia da caridade e sua operatividade, pensando que as obras substituem a fé. Para uma vida espiritual sã, é necessário evitar tanto o fideísmo como o ativismo moralista. [...]

Essencialmente, tudo parte do Amor e tende para o Amor. O amor gratuito de Deus é-nos dado a conhecer por meio do anúncio do Evangelho. Se o acolhermos com fé, recebemos aquele primeiro e indispensável contacto com o divino que é capaz de nos fazer «enamorar do Amor», para depois habitar e crescer neste Amor e comunicá-lo com alegria aos outros. [...]

4. Prioridade da fé, primazia da caridade

[...] Enquanto dom e resposta, a fé faz-nos conhecer a verdade de Cristo como Amor encarnado e crucificado, adesão plena e perfeita à vontade do Pai e infinita misericórdia divina para com o próximo; a fé radica no coração e na mente a firme convicção

de que precisamente este Amor é a única realidade vitoriosa sobre o mal e a morte. A fé convida-nos a olhar o futuro com a virtude da esperança, na expectativa confiante de que a vitória do amor de Cristo chegue à sua plenitude. Por sua vez, a caridade faz-nos entrar no amor de Deus manifestado em Cristo, faz-nos aderir de modo pessoal e existencial à doação total e sem reservas de Jesus ao Pai e aos irmãos. Infundindo em nós a caridade, o Espírito Santo torna-nos participantes da dedicação própria de Jesus: filial em relação a Deus e fraterna em relação a cada ser humano (cf. *Rm* 5, 5). [...]

Caríssimos irmãos e irmãs, neste tempo de Quaresma, em que nos preparamos para celebrar o evento da Cruz e da Ressurreição, no qual o Amor de Deus redimiu o mundo e iluminou a história, desejo a todos vós que vivais este tempo precioso reavivando a fé em Jesus Cristo, para entrar no seu próprio circuito de amor ao Pai e a cada irmão e irmã que encontramos na nossa vida. Por isto elevo a minha oração a Deus, enquanto invoco sobre cada um e sobre cada comunidade a Bênção do Senhor!

Palavras de Bento XVI: A última Audiência Geral

"Queridos irmãos e irmãs,

No dia 19 de abril de 2005, quando abracei o ministério petrino, disse ao Senhor: «É um peso grande que colocais aos meus ombros! Mas, se mo pedis, confiado na vossa palavra, lançarei as redes, seguro de que me guiareis». E, nestes quase oito anos, sempre senti que, na barca, está o Senhor; e sempre soube que a barca da Igreja não é minha, não é nossa, mas do Senhor. Entretanto não é só a Deus que quero agradecer neste momento. Um Papa

não está sozinho na condução da barca de Pedro, embora lhe caiba a primeira responsabilidade; e o Senhor colocou ao meu lado muitas pessoas que me ajudaram e sustentaram. Porém, sentindo que as minhas forças tinham diminuído, pedi a Deus com insistência que me iluminasse com a sua luz para tomar a decisão mais justa, não para o meu bem, mas para o bem da Igreja. Dei este passo com plena consciência da sua gravidade e inovação, mas com uma profunda serenidade de espírito.

Amados peregrinos de língua portuguesa, agradeço-vos o respeito e a compreensão com que acolhestes a minha decisão. Continuarei a acompanhar o caminho da Igreja, na oração e na reflexão, com a mesma dedicação ao Senhor e à sua Esposa que vivi até agora e quero viver sempre. Peço que vos recordeis de mim diante de Deus e sobretudo que rezeis pelos Cardeais chamados a escolher o novo Sucessor do Apóstolo Pedro. Confio-vos ao Senhor, e a todos concedo a Bênção Apostólica."



O Ano da Fé continua

Por Pe. Geraldo Dondici Vieira
Reitor do Seminário Arquidiocesano Santo Antônio

Viver e celebrar bem a Quaresma de 2013 significa também mergulhar na experiência espiritual que o Papa Bento XVI propiciou à Igreja ao promulgar o Ano da Fé (10/2012 a 11/2013). Agora, que já temos a barca do Ano da Fé ao meio de sua rota, é necessário, mais uma vez, lembrar as grandes motivações que nos estimulam a renovar, neste ano, de forma marcante e genuína, o nosso encontro com Jesus Cristo.

Obedecer com carinho ao Santo Padre abre a Igreja de Juiz de Fora à chance de realizar em casa, nas comunidades e movimentos o Ano da Fé, sendo ao mesmo tempo convocados por Dom Gil Antô-

nio Moreira a retomar e a aprofundar as indicações do Primeiro Sínodo Arquidiocesano, que foi realizado no ano de 2010. Conduzidos todos pelo sopro do Espírito Santo, aquele que de fato move e constrói a Igreja de Jesus Cristo, descobrimos com grande alegria uma profunda sintonia entre as propostas de Bento XVI apresentadas na carta *Porta Fidei* e o Documento Conclusivo do Primeiro Sínodo Arquidiocesano.

O Santo Padre espera que o **Ano da Fé seja uma oportunidade propícia para intensificar a celebração da Liturgia, particularmente na Eucaristia (Porta Fidei 9)**. O caminho espiritual da Quaresma; as celebrações

da Páscoa; as celebrações dos santos padroeiros das paróquias e comunidades serão momentos especiais para realizar o que o Papa orienta. Assim também o Documento Sinodal aponta a necessidade de que seja sempre mais aprofundado na Igreja de Juiz de Fora o horizonte missionário da paróquia, família da fé, chamada especialmente a encontrar-se ao redor do Senhor na Páscoa Semanal celebrada a cada Domingo (DS pág. 21).

O Santo Padre ensina que o **“Ano da Fé deverá exprimir um esforço generalizado em prol da redescoberta e do estudo dos conteúdos fundamentais da fé, que têm no Catecismo da Igreja Católica**

a sua síntese sistemática orgânica” (Porta Fidei 13). De modo todo especial, Bento XVI pede que cada católico faça uma nova e aprofundada recepção do Catecismo da Igreja Católica. Para esta tarefa, que certamente ultrapassará os limites estreitos deste ano, supõe que tenhamos em mão o Catecismo da Igreja Católica; que o leiamos com devoção e afinco; que o estudemos em pequenos grupos e o divulguemos; que todos os catequistas o utilizem com proveito e fecundamente; que o Catecismo seja fonte constante de nossa vida espiritual e pastoral; que o estudo da teologia busque sempre nele sua pauta mais preciosa e sublime. De tudo isso, com a graça de

Deus, também já anunciou o Documento Conclusivo do Sínodo Arquidiocesano quando afirmou que um dos horizontes missionários fundamentais da nossa vida em Deus é a Educação constante e sistemática da fé (DS pág. 29).

Vamos agradecer ao Papa Bento XVI o presente, o dom de podermos celebrar este Ano da Fé. Sobretudo agora que ele se une a toda a Igreja pela permanente oração do silêncio e da contemplação, vamos nos esforçar para aproveitar ao máximo este tempo especial de graça. Como Maria, pela fé, vamos acolher a Palavra de Deus, recordar aos nossos corações pelo Papa Bento de XVI, como pai, irmão, amigo e mestre.

BENTO XVI, o Papa das renúncias

"Tenho 23 anos e ainda não entendo muitas coisas. E há muitas coisas que não se podem entender às 8h da manhã quando te acordam para dizer em poucas palavras: “Daniel, o papa renunciou.” Eu apressadamente contestei: “Renunciou?”. A resposta não deixava dúvida, “Renunciou, Daniel, o papa renunciou!”.

O papa renunciou. Assim amanheceu anunciado em todos os meios de comunicação, assim amanheceu o dia para a maioria, assim rapidamente alguns tantos perderam a fé e outros muitos a reforçaram. Poucas pessoas entendem o que é renunciar.

Eu sou católico. Um de muitos. Desses que durante a infância foi levado à missa, cresceu e criou apatia. Em algum ponto ao longo da estrada deixei pra lá toda a minha crença e a minha fé na Igreja, mas a Igreja não depende de mim para seguir, nem de ninguém (nem do Papa). Em algum ponto da minha vida, voltei a cuidar da minha parte espiritual e assim, de repente e simplesmente, prossegui um caminho no qual hoje eu digo: Sou católico. Um de muitos sim, mas católico por fim. Mas

assim sendo um doutor em teologia, ou um analfabeto em escrituras (desses que há milhões), o que todo mundo sabe é que o Papa é o Papa. Odiado, amado, objeto de provocações e orações, o Papa é o Papa, e o Papa morre sendo Papa. Por isso hoje quando acordei com a notícia, eu, junto a milhões de seres humanos, nos perguntamos “por que?”. Por que renuncia senhor Ratzinger? Sentiu medo? Sentiu a idade? Perdeu a fé? A ganhou? Horas depois, creio que encontrei a resposta: O senhor Ratzinger renunciou toda a sua vida.

Simple assim

O papa renunciou a uma vida normal. Renunciou ter uma esposa. Renunciou ter filhos. Renunciou ganhar um salário. Renunciou a mediocridade. Renunciou as horas de sono pelas horas de estudo. Renunciou ser só mais um padre, mas também renunciou ser um padre especial. Renunciou preencher a sua cabeça de Mozart, para preenchê-la de teologia. Renunciou a chorar nos braços de seus pais. Renunciou a, tendo 85 anos, estar aposentado, desfrutando de seus netos na comodidade de sua casa

e no calor de uma lareira. Renunciou desfrutar de seu país. Renunciou seus dias de folga. Renunciou sua vaidade. Renunciou a defender-se contra os que o atacavam. Sim, isso me deixa claro que o Papa foi, em toda sua vida, muito apegado à renúncia.

E hoje, voltou a demonstrar. Um papa que renuncia a seu pontificado quando sabe que a Igreja não está em suas mãos, mas nas mãos de alguém maior,



parece ser um Papa sábio. Nada é maior que a Igreja. Nem o Papa, nem seus sacerdotes, nem os leigos, nem os casos de pedofilia, nem os casos de misericórdia. Nada é maior que ela. Mas ser Papa nesse tempo do mundo, é um ato de heroísmo (desses heroísmos que acontecem diariamente em nosso país e ninguém nota). Recordo sem dúvida, as histórias do primeiro Papa. Um tal... Pedro. Como

morreu? Sim, em uma cruz, crucificado igual ao seu mestre, mas de cabeça para baixo. Hoje em dia, Ratzinger se despede de modo igual. Crucificado pelos meios de comunicação, crucificado pela opinião pública e crucificado por muitos de seus irmãos católicos. Crucificado pela sombra de alguém mais carismático. Crucificado na humildade que tanto dói entender. É um mártir contemporâneo, desses que se pode inventar histórias, a esses que se pode caluniar e acusar a vontade, que não respondem. E quando responde, a única coisa que faz é pedir perdão. “Peço perdão pelos meus defeitos”. Nem mais, nem menos. Quanta nobreza, que classe de ser humano. Eu poderia ser mórmon, ateu, homossexual e abortista, mas ver uma pessoa da qual se dizem tantas coisas, que recebe tantas críticas e ainda responde assim... esse tipo de pessoa, já não se vê tanto no mundo.

Vivo em um mundo onde é engraçado zombar do Papa, mas inconcebível qualquer crítica a um homossexual (e ser taxado como um intolerante, fascista, direitista e nazista). Vivo em um mundo onde a hipocrisia alimenta as almas de todos nós. Onde podemos julgar

um senhor de 85 anos que quer o melhor para a Instituição que representa, mas lhe indagamos com um “Com que direito renuncia?”. Claro, porque no mundo NINGUÉM renuncia a nada. Ninguém se sente cansado ao ir pra escola. Ninguém se sente cansado ao ir trabalhar. Vivo um mundo onde todos os senhores de 85 anos estão ativos e trabalhando (sem ganhar dinheiro) e ajudam às massas. Sim, claro!

Mas agora sei, senhor Ratzinger, que vivo em um mundo que vai sentir falta do senhor. Em um mundo que não leu seus livros, nem suas encíclicas, mas que em 50 anos se lembrará como, com um simples gesto de humildade, um homem foi Papa, e quando viu que havia algo melhor no horizonte, decidiu partir por amor à sua Igreja. Vá morrer tranquilamente senhor Ratzinger. Sem homenagens pomposas, sem um corpo exibido em São Pedro, sem milhares aclamando aguardando que a luz de seu quarto seja apagada. Vá morrer, como viveu mesmo sendo Papa: humildemente.

Bento XVI, muito obrigado por saber renunciar."

A despedida de Bento XVI



Bento XVI se despede dos fiéis. Foto: Agência Reuters

Da varanda do Castel Gandolfo, onde ficará pelos próximos dois meses, Bento XVI disse ser "um simples peregrino". "Queridos amigos, estou feliz de estar aqui com vocês. Obrigado pela sua amizade e pelo seu carinho. Vocês sabem que esse dia é diferente dos dias que passaram, eu sou Pontífice da Igreja Católica até às 20h, após isso, não serei mais", afirmou diante de uma multidão de fiéis.

"Eu quero ainda, com meu coração, com meu amor, com minhas orações, trabalhar para o bem comum e para o bem da humanidade", destacou. "Sou um simples peregrino, que continua sua peregrinação nessa terra.

Vamos em frente, juntos com o Senhor, para o bem da Igreja e do mundo", disse o Papa.

Foi a última aparição pública de Bento XVI como Papa. Ele deixou o Vaticano a bordo de um helicóptero da Força Aérea Italiana por volta das 13h (horário de Brasília) do último dia 28 de fevereiro. Milhares de fiéis lotaram a Praça São Pedro para assistir à despedida do Santo Padre. Em vários idiomas, faixas de "obrigado". Joseph Ratzinger foi eleito Papa em 19 de abril de 2005 e anunciou sua renúncia na manhã de segunda-feira, 11 de fevereiro, alegando não ter forças físicas para cumprir suas funções.

Funcionários da Arquidiocese se preparam para novo local de trabalho



Prédio da nova Cúria. Foto: Leandro Novaes

A partir deste mês, todos os setores administrativos da Arquidiocese de Juiz de Fora terão um só endereço. Será o prédio da nova Cúria Metropolitana, que foi erguido nas dependências do Seminário Santo Antônio.

A mudança está prevista para meados de março. Agora, todos aqueles que trabalham em prol da nossa Igreja Particu-

lar estarão juntos, em um mesmo local, o que facilitará a comunicação entre os diversos departamentos.

A inauguração ainda será marcada, mas, desde já, convidamos a todos, em nome da Arquidiocese, a não só nos visitarem, mas também pedirem, em suas orações, que tudo de bom aconteça para nossa Igreja nessa nova caminhada.

O que é um Conclave?



O Conclave, que vem do latim *cum clave* (com chave - fechado), é uma reunião dos Cardeais da Igreja para a eleição do novo Papa, o Bispo da Arquidiocese de Roma, o Sucessor de Apóstolo Pedro.

Quantos cardeais votarão no Conclave?

Estão aptos a votar 117, dos quais 67 nomeados por Bento XVI. Também os Cardeais que cumprirão 80 anos no mês de março (como Kasper e Polletto) participarão do Conclave. O limite previsto, para o voto, é para quem já atingiu esta idade até o

primeiro dia da Sé Vacante.

Quem pode alterar as regras do Conclave?

Somente um Papa pode alterar as regras que regem um Conclave.

Quantos Conclaves já foram realizados?

O próximo, a ser realizado em março, será o 75º Conclave da história.

Quantos Cardeais brasileiros participarão do Conclave para eleger o sucessor do Papa Bento XVI?

Os cardeais brasileiros que poderão votar são Dom Cláudio Hummes (78), Arcebispo Emérito de São Paulo e atual Prefeito Emérito da Congregação para o Clero; Dom Geraldo Majella Agnelo (79), Arcebispo Emérito de Salvador; Dom Odilo Scherer (63), Arcebispo de São Paulo; Dom Raymundo Damasceno Assis (76), Arcebispo de Aparecida; e Dom João Braz de Aviz (64), Arcebispo de Brasília.

Dom Eusébio Scheid, Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro, não participará do Conclave por ter completado 80 anos em dezembro. Também já ultrapassaram a idade limite os Cardeais Dom Paulo Evaristo Arns (91), Arcebispo Emérito de São Paulo; Dom Serafim Fernandes de Araújo (88), Arcebispo Emérito de Belo Horizonte; e Dom José Freire Falcão (87), Arcebispo Emérito de Brasília.

Acolhendo o Documento Sinodal

O Sínodo e a Juventude

Monsenhor Luiz Carlos de Paula
Vigário Geral da Arquidiocese de Juiz de Fora

Homenagem Especial

Sua Santidade Bento XVI

Colaboração: Robson Ribeiro de Oliveira



Sua Santidade o Papa Bento XVI. Fotos: Divulgação

Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI, nasceu em Marktl am Inn, diocese de Passau (Alemanha), no dia 16 de Abril de 1927, seu pai, comissário da polícia, provinha de uma antiga família de agricultores da Baixa Baviera, de modestas condições econômicas, já sua mãe era filha de artesãos de Rimsting, no lago de Chiem, e antes de casar trabalhara como cozinheira em vários hotéis.

O período da sua juventude não foi fácil. A fé e a educação da sua família prepararam-no para enfrentar a dura experiência daqueles tempos, em que o regime nazista mantinha um clima de grande hostilidade contra a Igreja Católica. Precisamente nesta complexa situação, descobriu a beleza e a verdade da fé em Cristo; fundamental para ele foi a conduta da sua família, que sempre deu um claro testemunho de bondade e esperança, radicada numa conscienciosa pertença à Igreja. Em meado de 1945, na II Guerra Mundial, foi arrolado nos serviços auxiliares anti-aéreos.

Recebeu a Ordenação Sacerdotal em 29 de Junho de 1951. Um ano depois, começou a sua atividade de professor na Escola Superior de Freising. No ano de 1953, doutorou-se em teologia com a tese *"Povo e Casa de Deus na doutrina da Igreja de Santo Agostinho"*. Passados quatro anos, conseguiu a habilitação para a docência com uma dissertação sobre *"A teologia da história em São Boaventura"*.

De 1962 a 1965, prestou uma notável contribuição ao Concílio Vaticano II como "perito". A partir de 1969, passou a ser catedrático de dogmática e história do dogma na Universidade de Ratisbona, ocupando também o cargo de Vice-Reitor da Universidade.

A sua intensa atividade científica levou-o a desempenhar importantes cargos ao serviço da Conferência Episcopal Alemã e na Comissão Teológica Internacional. Em 25 de março de 1977, o Papa Paulo VI nomeou-o Arcebispo de München e Freising, recebendo a sagração episcopal em 28 de maio seguinte. Seu

lema episcopal é: *"Cooperatores veritatis"* que significa *"Colaborador da verdade"*; assim o explicou ele mesmo: "(...) escolhi este lema porque, no mundo atual, omite-se quase totalmente o tema da verdade, parecendo algo demasiado grande para o homem; e, todavia, tudo se desmorona se falta a verdade".

Foi nomeado Cardeal pelo papa Paulo VI, no Consistório de 27 de junho de 1977. Em 1978, participou do Conclave, ocorrido entre os dias 25 e 26 de agosto, que elegeu João Paulo I. No mês de outubro desse mesmo ano, participou também do Conclave que elegeu João Paulo II.

Em 25 de Novembro de 1981, João Paulo II nomeou-o Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé e Presidente da Pontifícia Comissão Bíblica e da Comissão Teológica Internacional. No dia 15 de Fevereiro de 1982, renunciou ao governo pastoral da arquidiocese de München e Freising. Como Presidente da Comissão encarregada da preparação do Catecismo da Igreja Católica, trabalhou entre os anos de 1986 a 1992, apresentando ao Santo Padre o novo Catecismo.

Na Cúria Romana, foi Membro do Conselho da Secretaria de Estado para as Relações com os Estados; das Congregações para as Igrejas Orientais; para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; para os Bispos; para a Evangelização dos Povos; para a Educação Católica; para o Clero; e para as Causas dos Santos. Sendo membro também dos Conselhos Pontifícios para a Promoção da Unidade dos Cristãos, e para a Cultura; do Tribunal Supremo da Signatura Apostólica; e das Comissões Pontifícias para a América Latina, *"Ecclesia Dei"*; para a Interpretação Autêntica do Código de Direito Canônico; e

para a revisão do Código de Direito Canônico Oriental.

Entre as suas numerosas publicações, ocupam lugar de destaque o livro *"Introdução ao Cristianismo"* e o livro *"Dogma e Revelação"* (1973). Em 1985 publicou o livro-entrevista *"Informe sobre a Fé"* e, em 1996, *"O sal da terra"*. E, por ocasião do seu septuagésimo aniversário, publicou o livro *"Na escola da verdade"*.

Joseph Ratzinger recebeu de oito renomadas instituições títulos de doutor *"honoris causa"*, que significa "por causa de honra", um título concedido com o intuito de distinguir personalidades eminentes que por uma obra realizada, enriquecem a vida cultural e social.

Com a morte do papa João Paulo II no dia 02 de abril de 2005, o Colégio dos Cardeais se reuniu, em Conclave, aos 18 de abril 2005. Com quatro votações e com 22 horas de duração, o Cardeal Joseph Ratzinger, com 78 anos, foi eleito papa, escolhendo o nome de Bento XVI, tomando posse no dia 24 de abril do mesmo ano.

Brasão papal



No centro, predomina o vermelho. No ponto mais nobre do escudo, encontra-se uma grande concha de ouro, a qual está repleta de simbologia: um significado teológico que recorda a lenda "Agostinho e o menino", um convite a conhecer Deus. A concha indica, ainda, o peregrino: simbolismo que Bento XVI quis manter vivo, no seguimento das pegadas de João Paulo II.

Na parte do escudo denominada "capa", encontram-se também dois símbolos provenientes da Tradição da Baviera. No ângulo direito do brasão está uma cabeça de mouro. É o antigo símbolo da Diocese de Frisinga, do qual ele foi Arcebispo. No ângulo esquerdo da parte superior, está representado um urso, que carrega no seu dorso um fardo. Segundo uma antiga tradição São Corbiniano, (680-730) aplacou um urso e o obrigou a carrear

gar sua bagagem até Roma. A representação da simbologia quer ver no urso domado a graça de Deus.

Seguindo a tradição, o Sumo Pontífice mantém no seu brasão, as duas chaves colocadas em forma de cruz de Santo André, uma de ouro e a outra de prata: interpretadas por vários autores como símbolos do poder espiritual e do poder temporal. As chaves são o símbolo do poder dado por Cristo a São Pedro e aos seus sucessores.

O papa Bento XVI decidiu colocar a mitra pontifícia, acima do escudo, que é de prata e tem três faixas de ouro, fazendo alusão aos três poderes de Ordem, Jurisdição e Magistério, ligados verticalmente entre si para indicar a sua unidade na mesma pessoa.

No brasão, foi representado também outro distintivo litúrgico típico do Sumo Pontífice, o "pálio", um adorno na vestimenta dos religiosos que é símbolo da jurisdição papal e sinal explícito e fraterno da partilha com os Arcebispos metropolitanos. O pálio é um símbolo tradicional que foi resgatado por Bento XVI e indica o cargo de pastor que lhe foi confiado por Cristo, é um sinal visível da colegialidade necessária na Igreja.

Renúncia

No dia 11 de fevereiro de 2013 o Papa Bento XVI anunciou a sua renúncia para o dia 28 de fevereiro seguinte. Na sua última catequese, antes de renunciar, o papa enfatizou que: "No dia 19 de abril de 2005, quando abracei o ministério petrino, disse ao Senhor: *'É um peso grande que colocais aos meus ombros! Mas, se me pedis, confiado na vossa palavra, lançarei as redes, seguro de que me guiareis'*. E, nestes quase oito anos, sempre senti que, na barca, está o Senhor; e sempre soube que a barca da Igreja não é minha, não é nossa, mas do Senhor. Entretanto não é só a Deus que quero agradecer neste momento. Um Papa não está sozinho na condução da barca de Pedro, embora lhe caiba a primeira responsabilidade; e o Senhor colocou ao meu lado muitas pessoas que me ajudaram e sustentaram. Porém, sentindo que as minhas forças tinham diminuído, pedi a Deus com insistência que me iluminasse com a sua luz para tomar a decisão mais justa, não para o meu bem, mas para o bem da Igreja. Dei este passo com plena consciência da sua gravidade e inovação, mas com uma profunda serenidade de espírito."

